

## **BBB 178000000 ou “Escolha seu sonho”**

Ivete Lara Camargos Walty – Coordenadora e Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

Antes de começar a reflexão sobre o papel da literatura na formação do leitor, devo contar um fato vivenciado por mim, em Congonhas, cidade histórica de Minas em que estão as estátuas dos profetas esculpidas por Aleijadinho. Caminhando um pouco abaixo do Paço, em uma das lojas que ladeiam a rua, vi um menino de aproximadamente 10 anos assistindo a um programa de TV vespertino, em que duas mulheres, discutindo por causa de um namorado, se agrediam com nomes como vagabunda, cachorra, e similares. Eu não podia ver a tela da TV, já que esta estava voltada para dentro da loja, mas percebia como o menino tinha aí preso o seu olhar, o que o impedia de ouvir o que eu falava. Nem mesmo as palavras da mãe quando entrou na loja desviaram o olhar da criança, extasiada frente à TV.

Estando naquela cidade para falar de literatura para estudantes de Letras e Pedagogia, fiquei pensando nos produtos culturais oferecidos pela sociedade a crianças e jovens. Fiquei pensando então na obra de arte exposta ali pertinho, ao lado do programa de TV que veiculava uma “briga de comadres”, para usar expressão popular que remete à curiosidade sentida por alguns em relação a fofocas do cotidiano. Vale lembrar, inclusive, que, naquele momento, os habitantes da cidade discutiam soluções para a preservação das estátuas corroídas pelo que se chama a lepra da pedra, devendo assumir uma posição política sobre a possível remoção das obras de arte, com sua substituição por réplicas, para um museu a ser ali construído.

Sem discutir a questão da TV em toda sua complexidade, buscando opô-la à literatura, o que seria simplista, quero apenas pensar na formação daquela criança enquanto leitor/cidadão, perguntando-me se, dadas a ela outras opções durante sua educação básica, permaneceria horas a fio frente à hipnótica tela da TV, em horários de programas como aquele a que assistia. É sobre uma outra opção – o texto conhecido como poético – que quero dissertar um pouco, interrogando-me sobre qual seria seu papel na formação de um

leitor/cidadão crítico. Sem pretender idealizar a literatura, colocando-a acima do bem e do mal, importa pensar em como sua recepção poderia contribuir para a formação de um leitor mais sensível e crítico, que pudesse transitar entre diferentes espaços sociais e culturais, com olhos abertos para o conhecido e para o desconhecido, para o mesmo e para o diferente, para a identidade e para a alteridade.

Estudiosos de diferentes áreas do conhecimento já aproximaram criança e poeta, realçando como um denominador comum entre eles o espaço do imaginário, do sonho, da magia e do jogo. Esse espaço marca-se, simultaneamente, pelo logro e pela utopia, como assinala o estudioso francês Eugéne Enriquez<sup>i</sup>. Enquanto lugar do logro faz circular valores do senso-comum, fortalecendo as regras do sistema; por outro lado, espaço da utopia, como o próprio nome indica, faz circular o desejo, impondo ao sujeito social metas a alcançar, movendo limites e propondo mudanças.

Dessa forma, a utopia seria também o lugar móvel de onde se pode ler/ver o mundo. Carlos Drummond de Andrade, no prefácio, do livro *Escolha seu sonho*<sup>ii</sup>, de Cecília Meireles, diz que “é preciso aprender a olhar para poder ver coisas que aparentemente não existem”. Mas ele mesmo, mais adiante, amplia sua afirmação, mostrando que, aprendendo a olhar podemos ver também as coisas que existem, buscando mudá-las.

*Ora, Cecília é exímia professora de ver, e se não pode chegar ao ponto de inocular em nós o dom da poesia, sabe como ninguém o segredo de fazer-nos enxergar, sentir, transformar e amar as coisas, através da ótica do poeta.*

Com sua poesia, o próprio Drummond e outros poetas buscaram mudar o mundo, como figuras quixotescas do mundo moderno. Em palestra na Universidade de Salamanca, o escritor português, prêmio Nobel de literatura, Saramago, afirma que Alonso Quijano – a personagem que encarna o Quixote no livro de Cervantes – morre quando toma consciência de que não pode mais mudar o mundo. A loucura do Quixote era o que lhe movia na perseguição das utopias. Essa loucura seria uma forma de *poiesis*, o ato de criação: a arte, aí incluída a literatura, em sua força de amassar o barro com as mãos e insuflar-lhe vida.

Como no ato de criação do mundo, a palavra cria cosmos, habitados por imagens as mais diversas, como veremos em alguns exemplos, que poderiam ser substituídos por

muitos outros. Nesse sentido, vale lembrar que, devido a essa diversidade, o professor pode utilizar seu repertório, associado àquele dos alunos, cuidando sempre de explorar as estratégias textuais de acordo com o universo dos leitores.

Para começar com a própria Cecília Meireles, veja-se como, por meio de forte visualidade, o poema “Ar livre”, de *Retrato natural*<sup>iii</sup>, cria um mundo/lê o mundo, associando a objetividade à subjetividade.

No poema, pinta-se a imagem de uma menina, cujo corpo incorpora elementos diversos da natureza: sol, coral, arco-íris, madrepérolas, indiciando luminosidade e cor; vento, flor, pássaro, indiciando movimento e leveza. Tais metáforas se reforçam no ritmo, nos jogos sonoros, como o que se pode registrar nos versos “Evaporam-se-lhe os vestidos, na paisagem/É apenas o vento que vai levando seu corpo pelas alamedas”, em que a repetição do fonema consonantal /v/ – aliteração – acentua a idéia de movimentos leves e delicados da menina, e, em harmonia com a recorrência de sons nasais, reforça a idéia da inclusão desses movimentos na natureza, na paisagem. As imagens antes sugeridas se condensam naquelas da flor e do pássaro: “A cada passo, uma flor, a cada movimento, um pássaro”. A última estrofe, no entanto, introduz o verbo parar e com ele insinua-se a tristeza, indicando uma ruptura que se manifesta também na forma poética – estrofe de dois versos em lugar daquelas anteriores com três: “E quando pára na ponte, as águas todas vão correndo,/Em verdes lágrimas para dentro de seus olhos”.

Antes, a menina como parte da paisagem, depois, a menina como espectadora da vida que “corre”, a introspecção diante da passagem do tempo. À imagem da água associa-se a das lágrimas, condensadas nos olhos da criança. Observe-se que tal imagem modifica o olhar da menina e o do poeta, congelando a etérea paisagem. O poema lida, pois, com uma forma de ver o mundo, sem isentá-lo de sentimentos, de dores. Seria curioso pedir a diferentes leitores que desenhassem a menina aí pintada, observando as diferenças da recepção.

Um outro poema em que se impõe a visualidade é “Família desencontrada”, de Mário Quintana<sup>iv</sup>:

*O Verão é um senhor gordo, sentado na varanda,  
suando em bicas e reclamando cerveja.*

*O Outono é um tio solteirão que mora lá em cima no  
sótão e a toda hora protesta aos gritos: “Que  
barulho é esse na escada?”*

*O Inverno é o vovozinho trêmulo, com a boina enterrada  
até os olhos, a manta enrolada nos queixos e  
sempre resmungando: “Eu não passo deste  
agosto,  
eu não passo deste agosto...”*

*A Primavera, em contrapartida  
é ela quem salva a honra da família! –  
é uma menininha pulando e cantando debaixo da chuva  
curtindo o frescor da chuva que desce do céu  
o tapa do vento na cara molhada!*

*Oh! A alegria do vento desgrenhando as árvores  
revirando os pobres guarda-chuvas  
erguendo as saias!  
A alegria da chuva a cantar nas vidraças  
sob as saias do vento...*

*Enquanto  
desafiando o vento, a chuva, desafiando tudo –  
no meio da praça a menininha canta  
a alegria da vida  
a alegria da vida!*

Aí, sobre as metáforas temporais, marcadas pela associação das estações ao passar dos anos, impõe-se a imagem da menina como sinônimo da vida e sua força sempre inaugural. Os movimentos antropomorfizados dos elementos da natureza – sol, calor, frio, vento, chuva –, indicados pelo uso constante de gerúndios – desgrenhando, revirando, erguendo – cedem espaço a um outro verbo no gerúndio – desafiando –, que traduz a força do desafio, sempre revigorado, imposto pela vida.

No poema acima há que se registrar ainda a presença do lúdico, outro ponto de interseção entre arte e infância, que abre novas perspectivas quando se coloca a questão da formação dos leitores para a poesia. As figuras das personagens delineadas no texto valem-

se do traço humorístico, brincalhão, em sua relação com os cômodos da casa: o gordo na varanda, o solteirão no sótão e o velho bem agasalhado e fechado em casa. Tal quadro acentua-se na dramatização das ações, concretizada nas expressões “suando em bicas e reclamando cerveja”, “protesta aos gritos” e “sempre resmungando”. A dramatização parece perder seu tom humorístico com a introdução da primavera/menina e suas ações de pular, cantar, curtir, desafiar. Dessa forma, o mundo do adulto, em que se sua, se reclama, se protesta, se resmunga, parece se opor ao da criança que pula, canta, curte e desafia. Ocorre, que é justamente o tom de molecagem que produz a identificação do leitor com um modo brincalhão de ver o mundo, forma de cumplicidade entre o produtor e o receptor do texto, entre o mundo adulto e o da infância. Tal descrição, colocando lado a lado ações aparentemente opostas, confunde-se com o ato de *poiesis*, também ele entrevisto como uma forma de primavera, uma forma de desafio, concretizado no verbo fazer, para lembrar a etimologia da palavra.

E é sobre o poético que alguns poetas se debruçam no ato de escrita, refletindo explicitamente sobre esse fazer. No livro recém-publicado, *Paisagem de Menino*, Neusa Sorrenti brinca com a ação de poetar, exibindo-se como companheira dos possíveis leitores de seus textos, como se pode ver no poema “Vira-lata na paisagem”<sup>v</sup>.

*Sob o holofote da Lua  
com bordaduras de estrelas  
um vira-lata procura  
uma jóia pequenina.  
Entre os restos da noite  
encontra um osso no lixo  
do último bar da esquina.*

*Eu também vivo à procura  
de um verso empassado.  
Pode ser de asa quebrada  
ou molhado de neblina.  
Como um pardal vira-lata  
vou achar a poesia  
– essa jóia pequenina ...*

Veja-se que aí a poesia não habita as nuvens, habita o cotidiano, o que se pode perceber pelo lugar que o vira-lata e o pardal ocupam no texto. Assim como o osso é o

objeto do desejo do cão, o verso é o objeto do desejo do eu poético, que une as figuras da poeta que escreveu o texto e a daquele que o lê. É por essa razão que esse verso vem simbolizado não por um pássaro nobre, mas por um modesto e comum pardal. A metáfora da jóia como algo precioso pode acolher, pois, diferentes significados, abrigando o imaginário do leitor e, quem sabe, desafiando-o.

É dessa exploração de imagens miúdas, quotidianas, que se vale também Cláudio Martins<sup>vi</sup>, quando se apropria do hábito infantil de brincar com os significantes – a materialidade sonora e gráfica – das palavras, compondo trocadilhos:

*O SABIÁ LARANJEIRA  
AVISOU A VIZINHA:  
AVE SOU E VOCÊ É AVEZINHA.  
SABE A LARANJEIRA?  
SÓ TEM FRUTA AZEDINHA.*

Vale lembrar que, a despeito dos efeitos de sentido que possam aí se formar, o que interessa é o jogo pelo jogo, a brincadeira com as palavras, o ritmo, as rimas, as aliterações, que mobilizam o ouvinte/leitor, ele mesmo autor de jogos do mesmo tipo, como, por exemplo, nos trava-línguas e nas parlendas do imaginário popular (“você sabia que o sabiá sabia assobiá?”). Na fase inicial do aprendizado da escrita, pesa muito a aguda percepção que a criança tem da oralidade – o ouvido é muito apurado. Não é sem razão que, certa vez, confundindo a arbitrariedade do signo lingüístico com a motivação do poético, uma criança, ao se referir à vizinha, chamada Dona Diná, tenha dito Dona de lá. Afinal ela não era aquela que morava do outro lado do muro?

E por falar em outro lado do muro, é bom chamar atenção para outros espaços do poético, tanto no que se refere a outros tipos de textos literários, como a outras produções culturais, como o cinema, a pintura, a escultura, entre outras. Nesse sentido, vale lembrar a produção de autores a partir das artes plásticas, como é o caso de Iêda Dias, no livro *Canção da menina descalça*<sup>vii</sup>, em que os poemas são escritos em diálogo com pinturas e esculturas. A coleção “A arte de criar”, da editora Berlendis e Vertechia agrupa textos de Fernando Sabino sobre a obra do pintor Carlos Scliar<sup>viii</sup>; de Ana Maria Machado sobre os quadros do pintor Volpi<sup>ix</sup>, entre outros. Não se pode esquecer ainda que, hoje, além dos

textos veiculados em papel, páginas da WEB<sup>x</sup> fazem circular textos diversos, conferindo-lhes mais movimento e interatividade.

Além disso, o diálogo com o outro, com o diferente pode remeter às produções relativas a diferentes culturas abrigadas em nossa sociedade, como é o caso da indígena. Como exemplo pode-se ler um poema escrito pelo índio Kanátio Pataxó:

*Sou índio e tenho orgulho de ser índio.*

*Eu sou índio, e quero morrer índio.*

*Eu sou índio, porque sei dançar o ritual do awê.*

*Eu sou índio, porque sei contar a história do meu povo.*

*Eu sou índio, porque nasci na aldeia.*

*Eu sou índio, porque o meu sistema de viver, de pensar, de trabalhar e de olhar o mundo é diferente do homem branco.*

*Eu sou índio, porque sempre penso o bem para o meu povo e todas as nações indígenas.*

*Eu sou índio Pataxó, sou brasileiro, sou caçador, pescador, agricultor, artesão e poeta, enfim, sou um lutador que sempre procura a paz.*

*Sou índio, porque sou unido com meus parentes e tiodos aqueles que se aproximam de mim.*

*Sou índio e tenho orgulho de ser índio.*

*Quem sou eu?*

*Sou um ser da natureza.*

*Pra defender o meu povo, me transformo em:*

*pedra, fogo e fumaça, trovão e tempestade, montanhas bem altas,*

*espinho de tucum, rios e oceanos, peixe andador, flecha certa que mata sem dor.*

*Por favor, não vai embora, não se espante de mim,*

*porque vivo em todos os lugares*

*desta natureza sem fim.<sup>xi</sup>*

Nessa profissão de identidade indígena, em que a palavra “índio” é repetida 13 vezes, reitera-se um dos traços mais fortes do olhar indígena sobre o mundo – a ausência de fronteiras estabelecidas –, o que pode ser verificado na capacidade de transformação do eu que fala em diferentes seres, dos reinos vegetal, animal e mineral. Esses elementos são, mais que metáfora, objeto de identificação. O índio integra-se à natureza, fala por seus semelhantes. Por isso mesmo, sua percepção de mundo coincide com o que chamamos de

poético, na medida em que se quer sempre em movimento, em interação. Como a criança, esse habitante de uma cultura diferenciada percebe o mundo de forma mais integradora, sem tantas fronteiras e classificações, ao mesmo tempo em que procura se integrar na cultura do não-índio.

Ler/ouvir o outro é um procedimento que pode ser mediado pela literatura e outras formas de arte, sempre em diálogo com outras formas de produção cultural. A escrita e a leitura literárias podem, pois, ser atos de troca, de interação. O texto abriga memória e desejo, a ser partilhados com o leitor, em um jogo de tradição e ruptura. E é dessa interação que fala a história *A estrela*<sup>xii</sup>, de Tenê, aqui reproduzida sem suas ricas ilustrações:

*Era uma vez uma estrela. A estrela caiu na mata. Veio o vento e jogou a estrela no rio. Grudada em um peixe, ela viajou rio abaixo. O pescador disse: – Que bonita! E levou a estrela no seu barco. No meio do caminho... Um tucano pegou a estrela. Ele voou para a mata com a estrela no bico. Mas ficou logo cansado... E a estrela caiu na mata outra vez, assustando as borboletas e os vaga-lumes. Foi quando o curumim achou a estrela. Ele levou a estrela para a sua tribo. A tribo estava em festa. Todos os índios estavam pintados e prontos para dançar. O curumim deu a estrela para seu pai, o cacique da tribo. O cacique gostou tanto do presente que passou a usar a estrela nos dias de festa.*

Nessa estória de estrutura simples, de frases curtas, os elementos da natureza se intercambiam e nesse universo insere-se o ser humano. A estrela que se desloca sempre é, como o osso ou o verso empassado do poema de Neusa Sorrenti, o desejo que nos move e é bem representado pela palavra poética, pois, o ser humano só se constitui na linguagem, tendo na palavra sua arma maior. O texto literário partilhado na escola é uma das formas de inserção social, uma forma de mediação cultural, em um mundo marcado pelas diferenças. Por meio de sua leitura, sempre associada a outras formas de ler, pode-se ajudar a formar o leitor, cidadão crítico, capaz de optar, de escolher, atuando como sujeito no painel cultural em que se situa. Em um mundo de imagens e palavras, de palavras/imagens há que se lidar com elas, começando por saudá-las, como no livro *O fazedor de palavras*<sup>xiii</sup>, de Lúcia Castelo Branco, em que as palavras são sempre “Benvindas! Ave palavras! Ave Marias! Ave poesias”.

O depoimento do escritor Bartolomeu Campos de Queirós, que, como muitos de minha geração, aprendeu a ler com a Lili, pode ser útil para se ratificar a força das palavras:

*Entre silêncios e diálogos*

*Havia uma desconfiança: o mundo não terminava onde céus e montanhas se encontravam. A extensão do meu olhar não podia determinar a exata dimensão das coisas. Havia o depois. Havia o lugar do sol se aninhar enquanto a noite se fazia. Havia um abrigo para a lua enquanto era dia. E o meu coração de menino se afogava em desesperança. Eu não era marinheiro nem pássaro - sem barco e asa.*

*Um dia aprendi com Lili a decifrar as letras e suas somas. E a palavra se mostrou como caminho poderoso para encurtar distância, para alcançar onde só a fantasia suspeitava, para permitir silêncio e diálogo. Com as palavras eu ultrapassava a linha do horizonte. E o meu coração de menino se afagava em esperança.*

*Ao virar a página do livro, eu dobrava uma esquina, escalava uma montanha, transpunha uma maré.*

*Ao passar uma folha, eu freqüentava o fundo dos oceanos, transpirava em desertos para, em seguida, me fazer hóspede de outros corações.*

*Pela leitura temperei a minha pátria, chorei sua miséria, provei da minha família, bebi da minha cidade, enquanto, pacientemente, degustei dos meus desejos e limites.*

*Assim, o livro passou a ser o meu porto, a minha porta, o meu cais, a minha rota. Pelo livro soube da história e criei os avessos, soube do homem e seus disfarces, soube das várias faces e dos tantos lugares de se olhar. No livro soube do Gênesis e no livro leio novos testamentos do percurso. Ler é aventurar-se pelo universo inteiro.<sup>xiv</sup>*

Aqui a profissão de fé do poeta faz-se no elogio da palavra e sua força na constituição do imaginário. É com ela que ele transita pelo mundo, cria mundos, como

Deus, que disse “Fiat lux” e a luz se fez. É através dela que se instalam os conflitos e suas possibilidades de resolução.

Como se viu, as palavras criam imagens, que podem dialogar com as imagens propriamente ditas, para reverenciá-las, criticá-las ou até rejeitá-las. Seja a imagem da pintura, da fotografia, do cinema, das revistas em quadrinhos ou dos “reality shows”, o que importa é saber lê-las, assim como às palavras, simplesmente curtindo-as ou analisando-as, sempre as escolhendo.

Por isso mesmo, o título, estranho, deste artigo traz duas expressões quase antitéticas: a primeira remete ao “reality show”, intitulado *Big Brother Brasil*, veiculado pela Rede Globo já em várias edições. Em lugar do ordinal referente à quarta edição do programa, veiculado em 2004, encerrado com a vitória da ex-babá Cida, apresenta-se um numeral que traduz aproximadamente a população brasileira nos dias de hoje. A segunda expressão é título de uma crônica de Cecília Meireles, que dá nome ao livro em que foi publicada. Unidas em um mesmo espaço, as duas expressões ajudam-nos a refletir sobre o papel da literatura na educação escolar, na formação do leitor sensível e crítico. Esse leitor seria, então, alguém que ajudasse a formular regras e leis de um jogo social em que todos tivessem chances, não de ganhar 500 mil reais, mas de se incluir como cidadão participante. Dessa forma, os moradores da casa do BBB com chances de ganhar seriam 178 milhões e não apenas alguns escolhidos a dedo ou sorteados entre muitos. Afinal, o poder de escolha é como uma varinha mágica, que, passando de mão em mão, possibilita novos encontros, novas criações, novas formas de resistência à exclusão, sem com isso aplainar diferenças, eliminar contradições e tensões.<sup>xv</sup>

---

<sup>i</sup> ENRIQUEZ, Eugéne. Imaginário social, recalçamento e repressão nas organizações. *Tempo brasileiro*. A história e os discursos. Rio de Janeiro, n. 36-37, p. 53-94, jan.jun. 1974.

<sup>ii</sup> MEIRELES, Cecília. *Escolha seu sonho*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, s/d.

<sup>iii</sup> MEIRELES, Cecília. Retrato natural. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p.313.

<sup>iv</sup> QUINTANA, Mário. *Baú de espantos*. Porto Alegre: Globo, 1986, p.39-40.

<sup>v</sup> SORRENTI, Neusa. *Paisagem de menino*. Juiz de Fora: Franco Editora, 2004.

<sup>vi</sup> Martins, Cláudio. Trocadilhos. In: *Suplemento literário*, outubro de 1997, p. 6 e 7

- 
- <sup>vii</sup> DIAS, Iêda. *Canção da menina descalça*. Belo Horizonte: RHJ, 1993.
- <sup>viii</sup> SABINO, Fernando. *O pintor que pintou o sete*. A arte de criar – Carlos Scliar. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertechia, 1987.
- <sup>ix</sup> MACHADO, Ana Maria. *Era uma vez três*. A arte de criar – Volpi. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertechia, 1985.
- <sup>x</sup> A esse propósito, vale a pena consultar, por exemplo, a página [www.angela-lago.com.br](http://www.angela-lago.com.br), para ler histórias interativas, lenga-lengas e muito mais. O site [www.docedeletra.com.br](http://www.docedeletra.com.br) é também rico em produções para crianças, discussões atualizadas sobre literatura infantil e juvenil etc.
- <sup>xi</sup> PATAXÓ, Kanátio et al. *O povo Pataxó e sua história*. Brasília: SEE-MG/MEC, 1997, p. 44 - 45.
- <sup>xii</sup> TENÊ. *A estrela*. São Paulo: Ática, 1981. (Livro da coleção Um dois, feijão com arroz, voltada para recém alfabetizados.)
- <sup>xiii</sup> BRANCO, Lúcia Castelo. *O fazedor de palavras*. Belo Horizonte: Dimensão, 1996.
- <sup>xiv</sup> QUEIRÓS, Bartolomeu Campos - Revista *Amae Educando* n° 210, abril/90 - p. 14
- <sup>xv</sup> A respeito da poesia na escola, podem ser lidos, entre outros, os seguintes artigos:  
MACHADO, Zélia Versiani. Cadê a poesia que estava aqui. In: *Literatura infantil na escola: leitores e textos em construção*. Belo Horizonte: Dimensão, 1996, p.41 – 50.  
WALTY, Ivete. Reflexões sobre a poesia. In: PAULINO, Graça & WALTY, Ivete (Orgs.) *Teoria da literatura na escola*. Belo Horizonte: Lê, 1995, p. 85 - 93.  
WALTY, Ivete. Lugares da literatura. *Presença Pedagógica*, v. 7, n° 40, jul./agos. 2002, p.21 - 27.